

DIPLOMACIA

FHC acha 'impertinente' Brasil passar por líder

John Schults/Reuters

Em palestra feita em Paris, ex-presidente diz que o País tem um papel, mas 'deve ser discreto'

NAPOLEÃO SABÓIA

Correspondente

PARIS – No primeiro pronunciamento público feito após a conclusão de seu mandato, o ex-presidente Fernando Henrique afirmou ontem em Paris que seria “impertinente” se o Brasil desejasse assumir uma posição de liderança na cena mundial, ao lado das potências convencionais.

O ex-chefe de Estado fez a ponderação – referida às incertezas da conjuntura política internacional – ao falar de improviso, em francês, como um dos palestrantes do seminário organizado pelo ministério francês das Relações Exteriores e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com o tema “Europa-América Latina: para uma nova parceria?”

No seu entender, o dever de reserva do Brasil no capítulo de liderança começa em sua própria área de influência. E frisou: “O Brasil tem um papel a desempenhar na América Latina, mas deve ser discreto, sem se dar a presunção de exercer uma chefia. O melhor é agir com o espírito de compreensão e de solidariedade do que com a lógica do poder, que produz resistências e bloqueios. Afinal, o líder existe ou não, naturalmente, mas nunca deve ser proclamado.”

Falando à imprensa logo depois de sua exposição, pela qual recebeu aplausos de um público numeroso, Fernando Henrique disse estar convencido de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem consciência disso: “Não adianta querermos nos vestir com as medidas que não são as nossas.”

Pólo de poder – A tônica da exposição do ex-presidente, tendo como fundo a provável



O Brasil tem um papel a desempenhar na América Latina, mas deve ser discreto, sem se dar a presunção de exercer uma chefia. Afinal, o líder existe ou não, mas nunca deve ser proclamado

Não adianta querermos nos vestir com as medidas que não são nossas

guerra contra o Iraque, foi a de que o Brasil e a América Latina devem se alinhar sobre as posições assumidas pela França e pela Alemanha na questão. Estas, no entanto, ele notou, para ser mais eficazes na contenção do conflito, precisam receber adesão dos outros países europeus. “A criação de um novo pólo de poder, incluindo também o Brasil, México, Chile, poderia frear a vontade dos Estados Unidos, evitar essa espécie de quase monopólio das decisões mundiais e abrir o campo às negociações levando à paz.”

Endossando a tese defendida antes pelo sociólogo Alain Touraine, Fernando Henrique fez ver a necessidade de o Brasil aproveitar os espaços deixados livres pela estratégia política da administração George W. Bush voltada sobretudo para o Oriente Médio – “e até certo ponto sem ligação com interesses econômicos” – para melhorar suas posições no processo de globalização. “O Brasil e a América Latina têm de aproveitar essas oportunidades capazes de oferecer às suas populações melhores condições de vida, em vez de alimentarem

preconceitos contra a globalização, que precisa, sem dúvida, ser humanizada com os aportes da sociedade civil”, afirmou.

Com dados e fatos, Fernando Henrique historiou as ações empreendidas por seu governo para reduzir as desigualdades sociais – “9 bilhões de dólares foram aplicados em 2002 nos diversos programas nesse setor” –, qualificou de “blá-blá” as acusações de seus adversários de que o Brasil se inclinou ao “Consenso de Washington”.

“O Brasil modernizou o aparelho do Estado, seu parque industrial, as privatizações foram feitas de acordo com os interesses nacionais, os investimentos estrangeiros não contrariaram essa norma; o País não teve sua agricultura liquidada, houve redistribuição da renda, inclusive pela educação e saúde, em suma, o que se fez não bate com o blá-blá dos pregoeiros do tal Consenso”, disse.